
Os Princípios da Razão a partir da Crítica da Razão Pura de Kant

The Principles of Reason as from the Critique of Pure Reason from Kant

MOHAMED F. PARRINI MUTLAQ¹

Resumo: O artigo aborda sobre os reais limites do conhecimento do homem a partir da Crítica da Razão Pura (1781) de Immanuel Kant (1724-1804). Há um chamado a uma nova forma de pensar, pois para Kant a perspectiva do espectador sobre o objeto é o caminho para o conhecimento verdadeiro. A experiência é uma forma de conhecimento que exige a ação do entendimento, que deve ser pressuposta antes dos objetos serem dados, sendo expressa em conceitos “a priori”. A possibilidade do conhecimento e realidade dos fenômenos somente é possível a partir da sensibilidade humana de tempo e espaço.

Palavras-chave: Kant. Intuição. Experiência. Razão. Fenômeno.

Abstract: The article addresses about the real limits of human’s knowledge as from the book Critique of Pure Reason (1781) from Immanuel Kant (1724-1804). There is a call to a new way of thinking, since for Kant the perspective of the viewer on the object is the path to the true knowledge. The experience is a form of knowledge that requires the action of the understanding, which must be presupposed before the objects are given, and expressed in concepts 'a priori'. The possibility of knowledge and the reality of phenomena are only possible after the human sensibility of time and space.

Keywords: Kant. Intuition. Experience. Reason. Phenomenon.

O livro *Crítica da Razão Pura* foi lançado em 1781 por Immanuel Kant, quando este tinha 57 anos de idade, resultado de anos de investigação do autor. Com a *Crítica*, a razão torna-se “reflexiva”², estabelecendo limites internos à razão, e tentando buscar aquilo que o conhecimento realmente pode alcançar.

Semelhante à primeira ideia de Copérnico, ao tentar demonstrar os movimentos celestes, este obteve melhor resultado em sua demonstração, colocando a perspectiva do movimento sobre o espectador, e deixando assim

¹ Mestrando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). E-mail: mparrini@hotmail.com;

² FIGUEIREDO. Kant & A Crítica da Razão Pura, p. 8.

os astros imóveis³. Para Kant, a Metafísica deve fazer o mesmo quanto à intuição dos objetos. Se a intuição tivesse que se guiar pela natureza dos objetos não poderia ser conhecido algo “*a priori*”. Ao contrário, se o objeto se guiar pela natureza da faculdade humana, será possível efetuar esta representação. Para Kant, a experiência é uma forma de conhecimento que exige a ação do entendimento, que devo pressupor em mim antes dos objetos serem dados, sendo expressa em conceitos “*a priori*”.

Kant buscará mostrar que a metafísica dogmática é contraditória, sendo a verdade das coisas inscrita na faculdade do conhecimento, e antecedendo a própria experiência.

Para ele, é através de intuição que é realizada a relação com os objetos, e esta intuição é apenas verificada na medida em que o objeto nos é dado. Para nós homens, a capacidade de receber as representações dos objetos nos é dada pela sensibilidade e por ela nos é fornecida as intuições. Mas é o entendimento que nos faz combinar os conceitos. Podemos resumir que um determinado objeto produz um efeito e na medida em que somos afetados por ele, isto é a sensação. O objeto indeterminado desta intuição Kant denomina de Fenômeno.

Para Kant, todos os fenômenos exteriores não podem ser percebidos imediatamente, mas sim concluídos como causa de percepções dadas. Assim, a existência de todos os objetos no sentido externo é duvidosa. Kant designa esta incerteza por “idealidade dos fenômenos externos”, sendo o “idealismo” a doutrina desta idealidade.

Para ele, o idealista não é aquele que nega a existência dos objetos externos dos sentidos, mas sim aquele que não admite que estes possam ser conhecidos por meio da percepção imediata, sendo assim que nunca o homem pode estar totalmente seguro da sua realidade pela experiência possível.

É pelo sentido externo do nosso espírito que temos a representação de objetos como exteriores a nós mesmos, percebendo-os no espaço. Apesar do sentido interno não nos dar nenhuma intuição da própria alma como um objeto, é através dele que o espírito se intui a si mesmo ou a seu estado interno, sendo que todas as determinações internas são representadas através de

³ KANT, Crítica da Razão Pura, p.29.

relações com o tempo. Para Kant o tempo não pode ser intuído exteriormente, assim como o espaço não pode ser percebido como sendo algo interior.

Na Crítica, o espaço não é um conceito empírico extraído da experiência externa, pois para que o homem consiga relacionar as sensações como algo exterior é necessário que já exista o fundamento da noção de espaço. Assim, a experiência externa só se torna possível perante esta representação a priori, fundamentando todas as intuições externas. Por isso Kant considera o espaço como condição necessária para que haja a fundamentação das intuições externas e a possibilidade dos fenômenos.

O espaço é uno e a priori a toda experiência, sendo que as coisas somente nos aparecem por objeto da sensibilidade. Esta é uma condição necessária de todas as relações onde os objetos são intuídos exteriormente a nós, e nesta separação dos objetos, geramos esta intuição que chamamos de espaço. Com exceção do espaço, não há nenhuma outra representação subjetiva e referida a algo de exterior, que possa chamar-se “a priori objetiva”.

Nesse sentido, para falar com precisão, não lhes cabe idealidade alguma, conquanto concordem com a representação do espaço por unicamente dependerem da constituição subjetiva da sensibilidade, por exemplo, da vista, do ouvido ou do tato, através de sensações das cores, dos sons e do calor, que sendo apenas sensações e não intuições, não permitem o conhecimento de nenhum objeto nem mesmo a priori.

Para Kant nada do que é intuído no espaço é uma coisa em si, e nenhum objeto em si nos é conhecido, sendo os chamados objetos exteriores apenas representações da nossa sensibilidade.

Outra representação fundamental que fundamenta a base de todas as intuições é o tempo. Somente a através da pressuposição do tempo o homem pode demonstrar para si próprio à existência de algo, pois é a base de todas as intuições. A realidade dos fenômenos somente é possível no tempo, sendo a prerrogativa básica da possibilidade.

Na Crítica, Kant afirma que o tempo é uma “noção pura da intuição sensível”, e também que “tempos diferentes são apenas partes de um mesmo tempo”. Ele acrescenta que o conceito de mudança e também o conceito de movimento seriam impossíveis sem a representação do tempo. Neste sentido, Kant fortalece sua afirmação de que caso o tempo não fosse uma intuição

interna ou a priori, nenhum outro conceito permitiria a “intelecção” do processo de mudança e localização.

Considerando que nossa intuição é sempre sensível, jamais nos poderá ser dado na experiência algum objeto que não se esteja submetido aos fatores do tempo. Mas para ele, o tempo não tem existência em si quando separado da intuição das coisas, sendo ele próprio limitado ao espaço e ao mesmo tempo constituindo condição a priori de todos os fenômenos em geral.

Se posso dizer a priori: todos os fenômenos exteriores são determinados a priori no espaço e segundo relações do espaço, posso da mesma forma dizer com inteira generalidade, a partir do princípio do sentido interno, que todos os fenômenos em geral, que dizer, todos os objetos dos sentidos, estão no tempo e necessariamente sujeitos às relações do tempo.

Na Crítica, o tempo e o espaço são as fontes de conhecimento de onde se extrai a priori os conhecimentos sintéticos, como a matemática pura, quando nos dá o estudo sobre o espaço e suas relações. Mas Kant ressalta que justamente por serem condições a priori de sensibilidade, é que somente se dirigem aos objetos e representam coisas em si.

Fora do campo dos fenômenos não se pode fazer uso objetivo dessas fontes, e é justamente essa realidade do espaço-tempo que nos dá a evidência do conhecimento através da experiência.

Todo o livro da Crítica é pautado pela premissa de que pensar é mais do que perceber e ligar percepções, e visto que para Kant não há experiência sem razão, então qualquer determinação objetiva é marcada pela forma como algo nos afeta na sensibilidade (Estética Transcendental) e pela forma como o que é dado pelos sentidos é pensado pelo entendimento (Lógica Transcendental)⁴. Para ele, apesar de nosso conhecimento comece na sensibilidade, não significa que deriva dela. O conhecimento ocorre quando aquilo que nos é dado pelos sentidos pode ser determinado como objeto de experiência.

Para Kant nossa intuição é a representação do fenômeno, e todos os fenômenos existem através de nós. O espaço e o tempo são as formas puras para que esta percepção ocorra, por Kant as denomina de intuições puras. Mas

⁴ FIGUEIREDO. Kant & A Crítica da Razão Pura, p. 23.

ao contrário destas, a sensação é o que faz que esta intuição empírica, seja denominada por Kant de a posteriori. Sendo assim, o homem não tem condições de acessar o conhecimento do que os objetos podem ser em si mesmos.

Na segunda parte da Crítica, da Lógica Transcendental, Kant destaca como o conhecimento nos é originado. Primeiramente o objeto nos é “dado”, e sequencialmente ele é “pensado” em relação a sua “representação”. Para ele, intuição e conceito constituem elementos básicos do nosso conhecimento, de forma que conceito sem intuição não fornece conhecimento, e tampouco o inverso é possível.

Ambos os elementos, intuição e conceito, podem ser puros ou empíricos. Serão empíricos quando há sensação contida, ou serão puros quando não há nenhuma sensação em sua representação. Para Kant, os conceitos puros somente são acessíveis a priori e os empíricos somente a posteriori.

Na Crítica, será chamada de “sensibilidade” a capacidade de receber representações, e de “entendimento” a capacidade de pensar e produzir representações para o conhecimento. Para ele, a ausência de sensibilidade impossibilita que os objetos nos sejam dados tornando-os cegos, e sem entendimento nenhum objeto poderia ser pensado, pois seriam vazios. A partir destes conceitos, Kant introduzirá a lógica, como o conjunto de combinações essenciais para o entendimento.

Kant denominará de lógica transcendental o conjunto de conceitos que se referem a priori aos objetos, não como intuições, mas como “atos do pensamento puro”, por onde ocorrem os pensamentos simplesmente a priori. Para ele, transcendental significa o uso a priori do conhecimento.

Todos os objetos de uma experiência possível para Kant os são apenas fenômenos, isto é, representações que não têm fundamentação fora de nossos pensamentos. Para ele, isso é denominado de “idealismo transcendental”. Este idealismo permite que os objetos da intuição externa ocorram assim como são intuídos no espaço, e todos os movimentos no tempo sejam como o sentido interno representa. A verdade empírica dos fenômenos no espaço e tempo

estaria garantida, não se comparando ao sonho, considerando que ambos estejam encadeados numa experiência, conforme leis empíricas.

Os fenômenos como representações são reais apenas na percepção, isto é, quando percebida pelos sentidos e pela experiência. A causa inteligível dos fenômenos Kant denomina de “objeto transcendental”, e é a partir dele que ocorre o encadeamento das percepções possíveis. Mas este objeto somente será real para o homem, quando encadeada numa experiência possível e conduzida a uma série no tempo.

O conceito de “negação lógica” é abordado na Crítica como ponto fundamental para o exame completo de todas as formas que podemos pensar a priori. Esta negação estaria associada à relação de um conceito com outro juízo. Para ele esta “negação transcendental” significa o “não ser em si mesmo”, que opõe a afirmação transcendental, denominada realidade. Para ele, “ninguém pode pensar uma negação de forma determinada sem ter por fundamento a afirmação oposta. O cego de nascença não pode ter a menor representação da escuridão, porque não tem nenhuma da luz.

Tampouco o selvagem pode conceber a pobreza porque não conhece a riqueza”⁵. Por isso Kant afirma que os conceitos da negação são também conceitos derivados. Kant também aborda na Crítica a Razão Pura o conceito de moral, liberdade e virtudes humanas. Para ele a razão humana não contém apenas ideias, mas também ideais, com princípios reguladores sobre as ações humanas. Os conceitos morais não se fundamentariam somente nos conceitos puros da razão, mas também sobre algo empírico, como prazer e desprazer. A ideia daria a regra, mas o ideal daria o protótipo para determinação do comportamento estabelecendo limites a liberdade. Para Kant este protótipo segue “o comportamento deste homem divino em nós, com o qual nos comparamos, nos julgamos e assim nos aperfeiçoamos, conquanto jamais o possamos alcançar”⁶.

A razão para Kant não pressupõe a existência de um ser conforme o ideal, mas apenas a sua ideia. Este ideal seria um modelo das coisas, mas não

⁵ KANT, Crítica da Razão Pura, p.441.

⁶ KANT, Crítica da Razão Pura, p.438.

cópias perfeitas, estando longe de serem alcançadas. Para ele, o objeto do seu ideal é o Ser supremo, o ser dos seres.

Mas Kant não afirma que com isso temos acesso a existência deste Ser supremo. Para ele o uso de uma ideia transcendental excederia os limites de sua determinação, pois “a possibilidade dos objetos dos sentidos é uma relação destes objetos com o nosso pensamento em que algo pode ser pensado a priori, mas em que tem de ser dado o que constitui a matéria, a realidade no fenômeno, já que de outro modo nem poderia ser pensada, nem desse modo ser representada a sua possibilidade”⁷.

O que Kant quer dizer, é que um objeto dos sentidos somente pode ser determinado quando comparável aos predicados dos fenômenos, isto é, quando os objetos dos sentidos podem nos ser dados no contexto de uma experiência possível. Kant considera a ideia do Ser supremo um “ideal ímpar”, totalmente necessária e natural. Mas apesar de sua utilidade e coerência seria apenas uma ideia, e incapaz por si só, de ampliar nosso conhecimento, pois o caráter da possibilidade do conhecimento sintético tem de ser buscado na experiência, não pertencendo somente em ideia.

Na Crítica da Razão Pura, Kant também destaca que as mesmas provas que incapacitam a razão humana quanto à afirmação da existência de um Ser superior, também serviriam para desmentir a afirmação em contrário. Para ele, como pode o homem através da especulação pura da razão afirmar que não existe este Ser supremo? Sua realidade objetiva não pode ser provada através do conhecimento humano, mas também por este meio não pode ser refutada.

A consciência da própria ignorância, longe de por fim às investigações de Kant, é a verdadeira causa que as provoca. A determinação dos limites da razão humana é base para elaboração da construção lógica da Crítica da Razão Pura, sendo somente determinada a partir dos fundamentos a priori.

Referências Bibliográficas

FIGUEIREDO, Vinicius. **Kant & a crítica da razão pura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

⁷ KANT, Crítica da Razão Pura, p.445.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Trad. Alex Marins. São Paulo: Martins Claret, 2006.

PEREIRA, Viviane Magalhães. **O que fazemos para fundamentar nossas teorias filosóficas: do a priori kantiano ao “a priori histórico”**. Revista Intuitio. Porto Alegre. p. 119-131. Julho 2012.

Endereço Postal:

Programa de Pós-Graduação em Filosofia

Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 5 – Sala 608

CEP: 90619-900 – Porto Alegre – RS

Data de Recebimento: 26 de julho de 2014;

Data de Aceite para Publicação: 29 de julho de 2014;